FRANÇA MULTICOLOR: FACETAS DA IMIGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Céline Spinelli[1]

Resumo

A conjuntura globalizada, que nas últimas décadas reformulou as idéias de tempo e espaço, vem possibilitando grandes fluxos, seja de informações, de produções culturais e artísticas ou de pessoas. O objetivo deste trabalho é perceber as novas facetas que a França contemporânea tem assumido devido às imigrações. Elas serão abordadas através da análise de charges produzidas pelo partido de extrema direita *Front National*, em contraposição ao conteúdo das músicas da banda *Zebda*, composta por descendentes de imigrantes, que denunciam em suas letras brechas da estrutura social francesa. Dentre as reações da sociedade francesa diante da imigração, pode-se perceber certa segregação dos estrangeiros, numa tentativa de delimitação de espaço que garanta a mínima interferência do universo simbólico novo na identidade cultural da nação. Marginalizados, muitos imigrantes são impelidos a se agrupar em comunidades na periferia dos centros urbanos, constituindo guetos. É interessante, portanto, contrapor a visão de mundo veiculada por *Zebda* com a apregoada pelo *Front National*. O embate ideológico entre os que representam os "de dentro" e os "de fora" deixa claro não só as formas pelas quais vem se desmantelando a identidade nacional francesa, mas também paradoxos da própria globalização, uma vez que tanto o discurso fascista dos integrantes do *Front National* quanto o constante fluxo imigratório são frutos do sistema vigente.

Palavras-chave: França, imigração, identidades.

Abstract

The global conjuncture, which in the past few decades has redefined the ideas of time and space, has been responsible for a great flow of information, as well as of cultural productions and of people. The objective of this work is to notice the new facets that contemporary France has been assuming due to the immigrations. They will be approached through the strip analysis produced by the party of extreme right *Front National*, in opposition to the content of the musics of *Zebda*, which is composed by immigrant's descendants, that denounce in their lyrics breaches of the French social structure. Among the reactions of the French society due to the immigration, it can be noticed a foreigner's segregation, in an attempt of space delimitation that guarantees the low interference of the new symbolic universe in the cultural identity of the nation. Marginalized, many immigrants are pushed to grouping in communities in the periphery of the urban centers, constituting ghettos. It is interesting, therefore, to oppose the world vision transmitted by *Zebda* with the divulged by *Front National*. The ideological collision among the ones that represents the "insiders" and the "outsiders" leaves clear not only the forms that which the French national identity has been dismantling, but also paradoxes of the globalization itself, once as much the fascist speech of the *Front National* members as the constant immigration flow results of the present system.

Keywords: France, immigration, identity.

Introdução

A imigração é um fenômeno complexo que tem gerado vigorosas discussões no mundo contemporâneo. Da forma como ela se apresenta hoje, enquanto movimento humano que vai de países considerados periféricos para outros, economicamente hegemônicos, a imigração caracteriza o processo de globalização, que nas últimas décadas reformulou as idéias de tempo e espaço, possibilitando grandes fluxos, seja de informações, de culturas ou de pessoas, pelas diversas partes do globo. O objetivo deste trabalho é perceber as novas facetas que a França tem assumido devido às imigrações. Elas serão abordadas através da

[1] Aluna dos cursos de História e Ciências Sociais da UFSM. E-mail: celinespinelli@yahoo.com.br.

análise de charges produzidas por Konk, caricaturista ligado ao partido de extrema-direita *Front National*, em contraposição ao conteúdo das músicas da banda *Zebda*, composta por descendentes de imigrantes de origem árabe.

Aspectos da imigração na França contemporânea

O grupo de imigrados majoritário na França atual é composto por árabes, provenientes, sobretudo, da região do Maghreb. Eles são cerca de 2 milhões, diante de uma sociedade formada por aproximadamente 60 milhões de pessoas[2]. O contingente de árabes, que sem dúvida é acrescido por um número também apreciável de clandestinos, é significativo. No entanto, não é somente pela questão quantitativa que acreditamos ser importante considerar os árabes na França contemporânea: o grupo merece destaque, pois, ao que nos parece, no senso comum o conceito "árabes" costuma ser atribuído não somente àqueles que efetivamente descendem dessa etnia, mas a imigrados de uma forma generalizada.

A tendência de amalgamar os imigrantes numa única identidade, apesar de eles subjetivamente nem sempre se reconhecerem entre si, da qual nos fala Jean-Pierre Warnier[3], não é uma atitude isolada, própria dos franceses. A grosso modo, a reação de sociedades que vêm sendo o destino de um contínuo processo imigratório, tem sido a de segregar os estrangeiros que conseguem ingressar legalmente no país, numa tentativa de delimitação de espaço que garanta a mínima interferência do universo simbólico novo na identidade cultural da nação. Esse procedimento, no entanto, não contém a gradativa desestruturação das identidades nacionais; ao contrário, à medida que ele incita o estabelecimento de laços de identificação entre os imigrados, os quais inevitavelmente se contrapõem à capenga identidade nacional, gerando o deslocamento de aspectos culturais tradicionalmente basilares para a sociedade receptora.

A identidade estabelecida entre comunidades de imigrados não significa que haja uma unidade cultural, étnica, lingüística ou mesmo física entre elas, mas, sim, que "são vistas e tratadas como "a mesma coisa" (isto é, como não-brancas, como o "outro") pela cultura dominante"[4]. É essa exclusão da alteridade que gera uma das três conseqüências que Stuart Hall considera fruto da globalização: o estabelecimento de identidades híbridas que,

[2] Estatísticas do INSEE (órgão governamental de controle quantitativo): http://www.recensement.insee.fr.
[3] WARNIER, Jean-Pierre. *A mundialização da cultura*. Trad. de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2000, p. 17.
[4] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 86.

acreditamos, aos poucos deveriam se fusionar com os elementos da cultura nacional então preponderante.

A idéia de "cultura híbrida" está diretamente associada ao conceito de "tradução", o qual cabe às pessoas que, obrigadas a imigrar, mantêm fortes vínculos com sua terra natal e com suas tradições, sem, no entanto, ter expectativas de poder retornar às suas origens e, tampouco, conseguindo integrar completamente a sociedade receptora. Essas pessoas "são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimilas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas"[5]. É no gueto que costumam se expressar mais claramente as "culturas híbridas": marginalizados, os imigrantes são impelidos a se agrupar em comunidades na periferia dos centros urbanos, constituindo espaços característicos, marcados por uma dominação territorial bem definida e por um sentimento de pertença bastante acentuado.

Caindo das nuvens: a realidade do imigrado aos olhos de um grupo de descendentes de árabes

O gueto é um dos pontos de partida elementares para pensarmos o que representa ser um imigrante na França contemporânea. Isso é o que nos mostra *Zebda*, um grupo musical francês que mescla ritmos árabes, africanos e, por vezes, latino-americanos. *Zebda* foi consagrado, em 2000, como o melhor grupo do ano: seu reconhecimento a nível nacional é um fato notável, tendo em vista que a banda é formada, sobretudo, por descendentes de árabes, todos da cidade de Toulouse, que retratam em suas músicas o preconceito e marginalização aos quais os imigrados são sujeitados na França. Na realidade, Magyd, Hakim, Mouss, Mustapha e os demais integrantes do grupo, apesar de seus ritmos alegres, denunciam brechas do sistema, desenvolvem algumas críticas sutis, outras bastante ácidas, visto o seu engajamento político e social.

Tendo a palavra, *Zebda* fala da vida no gueto (*cité*), de uma juventude desorientada que, no caso dos meninos, vive a rua, do farniente dos *voyous* que passam dias e tardes vagando por aí, fazendo arrastões[6]. Também fala do garoto dedicado, que estuda e tenta se

[5] Id., ibid. p. 89.
[6] " On était plus près des altères que des égaux/ Plus près de la cheville que du cerveau/ (...) Et tous les jours on était en vacances" (Quinze ans, Essence Ordinaire, 1998).

adequar ao sistema, até que, já adulto, se dá conta da dificuldade de sua inclusão[7], bem como do trabalhador, que não consegue sequer ingressar em uma boate: as portas (e não somente essas) se mantêm fechadas para ele[8].

Desse modo, os árabes dos quais nos fala *Zebda* são incitados a permanecer em suas vilas, onde a rua se confunde com o espaço particular, ao mesmo tempo em que conota a condição coletiva, já que é compartilhada por aqueles que se encontram na mesma realidade social, traduzida pelo "ser árabe". A consciência da diferença é constantemente posta em relevo por *Zebda*, que destaca peculiaridades étnicas, ascendências, origens geográficas e religiosidade (muçulmana)[9]. A música *Tombés des nues* (literalmente: “Caído das nuvens”[10]) talvez seja a que melhor sintetiza o posicionamento crítico e a denúncia que o grupo desenvolve frente à realidade social e econômica com a qual devem se confrontar os imigrados na França. Vejamos, através das seguintes estrofes, o que diz *Zebda*:

“Eu vim, mas não pense que eu vim
Ouvir dizer “seja bem-vindo”
Mas o estômago que precisa de gasosa
Diz “o que há hoje no menu?”

(...)

Sem barulho, sanduíche sem riso e sem jantar
Sem culpa, sem dúvida e mesmo sem a idéia
Que nós nunca somos convidados quando nós estamos
Sem grana, sem sandálias e até mesmo sem documentos

Eu vim, mas não pense que eu vim
Para o sol ou a beira mar
Porque bronzeado eu era desde o nascimento
E eu não conhecia o inverno

Eu tinha os pés nus, a cabeça nas nuvens
O coração quente, e eu fazia de conta
Que era aquele que estava de passagem
No país do Mont-Blanc

[7] "Mais c'était avant qu'on me dise dégage/ Et qu'on ne me parle plus au présent/ Avant qu'on déchire mes pages/ Et qu'on me dise: place et au suivant" (Le Petit Robert, Essence Ordinaire, 1998).
[8] "Les portes je connais, j'en ouvre tous les jours/ Mais j'en ai vu claquer plus souvent qu'à mon tour" (Je crois que ça va pas être possible, Essence Ordinaire, 1998).
[9] "Je suis venu, mais je suis pas venu tu penses/ Pour le soleil ou le bord de la mer/ Parce que bronzé je l'était de naissance/ Et puis je ne connaissais pas l'hiver (Tombés des nues, Essence Ordinaire, 1998), "A-t-il senti que je ne lisais pas la bible" (Je crois que ça va pas être possible, Essence Ordinaire, 1998), "Je suis né dans la rue (...)/ Où les prénoms, tu pourras le vérifier/ Sont pas de ceux qu'on trove dans les calendriers" (Né dans la rue, Essence Ordinaire, 1998).
[10] O próprio título da música é dúbio: a expressão *tomber des nues* pode significar “estar extremamente surpreso”.

(...)

Eu vim e eu ainda não sabia
Que se tinha medo dos seus vizinhos
E de todas as casas, eu só vi janelas fechadas
Que nunca me disseram “vamos, vem”

(...)

Eu vim, mas eu digo como
Eu fui recebido com um pé atrás
Não dá para dizer, não dá para dizer meu caro Leon
Que foi com um acompanhamento de acordeão

Meu rosto é uma página que não se rasga
Eu sei que eu não serei”[11]

O barulho de ondas do mar, a ir e vir, musicado pelo som de um violão, introduz os ouvintes a “Caído das nuvens”, música que, apesar das diversas interpretações que a letra nos permite conceber, deixa clara a desilusão do imigrante ao ingressar na nova terra. A referência ao processo imigratório está no próprio som das ondas, que provavelmente tem a finalidade de remeter ao mar Mediterrâneo, travessia quase obrigatória para aqueles que provêm da África ou do Extremo Oriente. O mar, que também pode trazer à mente a nostalgia da terra natal deixada para trás, bem como as dificuldades da viagem não raro enfrentadas por muitos: mar de águas salgadas, que se confundem com as lágrimas, também salgadas, que rolam pelo rosto de alguns, em momentos de pesar. Como diz ainda *Zebda*, em *Le Petit Robert*, se referindo a uma mãe que vê seu filho ser ridicularizado pela professora: com “o coração em migalhas, ela fazia falar a água e o sal”.

Apesar da consciência das dificuldades com as quais têm que se confrontar os imigrados, expressa na frase “eu vim, mas não pense que eu vim ouvir dizer ‘seja bem-vindo’”, *Zebda* deixa transparecer uma certa ingenuidade com a idéia de que “ainda não sabia que se tinha medo dos seus vizinhos”, ou então ao dizer que alguém pode ignorar que “nunca

[11] “Je suis venu, mais je suis pas venu tu penses/ M’entendre dire “sois le bienvenu”/ Mais l’estomac qui a besoin d’essence/ Dit “qu’est-ce qu’il y a aujourd’hui au menu?”/ (...) Sans bruit, sandwichs sans rire et sans dîner/ Sans faute, sans doute et même sans l’idée/ Qu’on est jamais invité quand on est / Sans thune, sandales ou même sans papiers/ Je suis venu, mais je suis pas venu tu penses/ Pour le soleil ou le bord de la mer/ Parce que bronzé je l'était de naissance/ Et puis je ne connaissais pas l'hiver/ J’avais les pieds nus, la tête dans les nuages/ Le coeur au chaud, et je faisais semblant/ D’être celui qui était de passage au pays du Mont-Blanc/(...) Je suis venu et je ne savais pas encore/ Qu’on avait peur de ses voisins/ Et de toutes les maisons, je n’est vu que des stores/ Qui m’ont jamais dit « allez, viens »/ (...) Je suis venu mais je le dit avec quel air/ Qu’on me reçut à reculons/ On peut pas dire, on peut pas dire cher Léon/ Que ce soit sur un air d’accordéon/ Mon visage est une page qu’on n’arrache pas/ Je sais que je serai surtout pas (Tombés des nues, Essence Ordinaire, 1998).

somos convidados quando nós estamos sem grana, sem sandálias e até mesmo sem documentos". As sandálias, materialização do pertencimento a uma cultura particular, que nos faz logo pensar na origem árabe; origem declarada pela negação de que se imigra à busca de sol ou beira mar, afinal, *Zebda* sabe que era bronzeado desde o nascimento. Sandálias que foram perdidas pelo caminho, mas que em vários casos não foram substituídas por outro elemento identificador: os documentos.

Diante de portas fechadas, de uma receptividade arisca, da falta de um prato quente no menu; enfim, diante de tão pouco "calor" no país do Mont Blanc, *Zebda* parece preferir esquecer os pés nus, pôr a cabeça nas nuvens e fazer de conta que está somente de passagem. Travestido de turista talvez seja mais fácil garantir uma inserção no sistema, a qual permita manter a ilusão, mesmo que por algum instante, de que um dia se poderá ser alguém na nova terra.

Através das músicas de *Zebda*, podemos perceber um quadro do processo imigratório, da despedida à chegada, da expectativa ingênua de conquistas ao confronto com a realidade crua e sua necessária aceitação. Não estar efetivamente inserido no sistema institucionalizado gera uma reação por parte de imigrantes, que costumam reafirmar os laços de solidariedade dentro do gueto, por mais que muitos gostariam de se livrar desse ambiente, como ainda demonstra *Zebda* com a indagação (ou indignação): "por que devemos morrer no gueto?".[12]

***Front National*: uma política de exclusão**

Se *Zebda* não é capaz de responder a seu questionamento, há uma facção na França atual que certamente o faria sem titubear. A solução para um extremista de direita, membro de algum partido político como o *Front National* (FN), seria simples, algo como: "Não venham para a França! Não criem guetos! Fiquem nos seus países de origem!". A resposta pode ser vislumbrada pelo simples fato de constar, no sítio oficial do FN, entre os itens referentes à imigração, o seguinte sub-título: a imigração, "uma ameaça mortal para a identidade francesa". Mas, nossa conclusão é embasada nas propostas do FN, que incluem uma xenofobia aberrante; na idéia do partido de que a "imigração massiva que nós vivenciamos atenta contra nossa identidade e, em conseqüência, à existência da França"[13]; e, por fim, na maneira pela qual os integrantes do FN percebem os bairros étnicos e os guetos, vistos como

[12] "Rue de 'si t'es pas d'ici je t'escorte'" (Né dans la rue, Essence Ordinaire, 1998), "Pourquoi faut-il qu'on crève dans le ghetto?" (Le bruit et l'odeur, Essence Ordinaire, 1998).
[13] "(...) l'immigration massive que nous subissons porte atteinte à notre identité et, par voie de conséquence, à l'existence de la France" (http://www.frontnational.com).

"voltados sobre si mesmos e funcionando muito freqüentemente graças ao dinheiro da droga"[14].

Na realidade, não somente contrários à imigração, os membros do FN se opõem à globalização em si, defendendo um discurso chauvinista e racista. Eles dizem: "A recusa da sociedade multicultural, em nome da identidade da França, é o combate fundamental do *Front National*. A identidade é, para a Nação, aquilo que a personalidade é para o indivíduo. (...) Também convém respeitar, na França como em outros lugares, o princípio segundo o qual cada povo deve dispor de um território que lhe seja próprio. (...) Para que a França permaneça a França, os franceses devem permanecer senhores no seu próprio território"[15].

O discurso da extrema-direita francesa é explícito em charges[16] irônicas, que são veiculadas por jornais e revistas ligados a esse posicionamento político, como os jornais *Minute* (do qual o próprio Jean Marie Le Pen, líder do FN, é um dos redatores), *Rivarol* e *National-Hebdo*, todos particularmente próximos ao partido FN. A internet é outro veículo de difusão dessas charges, que precisam ser consideradas com atenção, uma vez que, tornando risíveis aspectos da realidade social, política e econômica do país, elas se transformam em um eficaz meio de popularizar o pensamento da extrema-direita.

Visto que as charges que constam no sítio oficial do FN são da autoria de Konk (caricaturista que tem seus desenhos divulgados nos dois primeiros jornais mencionados acima, especialmente no *Minute*, e na internet pelo http://dessins.de.konk.free.fr, que pode ser acessado através do próprio sítio do FN), optamos por analisar o seu trabalho. Vejamos a visão (do FN) que Konk transmite sobre a imigração: na charge ao lado, em que consta "cada ano, 25.000 ricos abandonam a França" e, no balão, saindo da boca de um miserável, "felizmente, nós

[14] "(...) les quartiers ethniques et les cités-ghettos, repliés sur eux-mêmes et fonctionnant trop souvent grâce à l'argent de la drogue" (idem).

[15] "Le refus de la société multiculturelle, au nom de l'identité de la France, est le combat fondamental du Front National. L'identité est, à la Nation, ce que la personnalité est à l'individu.(...) Aussi convient-il de respecter, en France comme ailleurs, le principe selon lequel chaque peuple doit disposer d'un territoire qui lui soit propre. (...) Pour que la France reste la France, les Français doivent rester maîtres chez eux" (idem).

[16] Todas as charges foram obtidas através do sítio: http://www.frontnational.com.

estamos aqui para substituí-los", fica bastante evidente a chacota feita a respeito da imigração, bem como dos efeitos da globalização no âmbito econômico, além de estar subentendida uma visão elitista por parte do FN, à medida que a charge possibilita a interpretação de que somente ricos devem ocupar a França. A questão da identidade, basilar no discurso do FN e fundamental para o que concerne a imigração, também é mote de charges, como a que retrata dois extraterrestres debatendo questões existenciais: "E nós também, nós somos franceses?", questiona o ET da esquerda, que recebe como resposta um exclamativo "claro, todo o mundo é francês!". Encerrando a conversa, uma frase não menos irônica para os membros do FN: “a França deve permanecer uma terra de acolhimento”. E uma terra de acolhimento para quem? Indivíduos provenientes de países árabes e africanos, evidentemente, responde o próprio Konk mediante suas charges, que costumam caricaturar esses grupos.

De fato, identidade e nacionalidade são temáticas recorrentes no discurso do FN que estão diretamente associadas à problemática da imigração. Podemos inferir alguns aspectos do

pensamento político do partido através da forma como foi posta, na charge ao lado, a questão: “imigração: o que pensam os franceses?” e, especialmente, a partir do modo como ela foi respondida, por uma mulher de origem africana, deveras francesa: “nós não podemos acolher toda a miséria do mundo!”. Bem, primeiro vale destacar que a frase “a França não pode acolher toda a miséria do mundo”[17] consta no programa do FN, que é assinado por Jean Marie Le Pen. É importante buscarmos compreender, portanto, quais mecanismos foram utilizados pelo cartunista para, de forma humorística (mesmo que se trate de um humor negro para muitos!), transmitir a ideologia do partido. A sátira é óbvia: ela consiste, por um lado, no fato de “os franceses” serem representados por duas mulheres, uma de origem árabe, outra africana; por outro lado, sendo as próprias personagens da charge fruto do processo imigratório, atribuir a elas o discurso de um francês conservador é contraditório, daí a ironia da qual se pode achar graça.

A charge de Konk, no entanto, vai além da tentativa de fazer rir um francês conservador durante o seu café matinal. Ela nos diz bastante do pensamento do FN, à medida que, ao transformar a “miséria” em temática debatida por duas imigrantes que voltam de suas

[17]“La France ne peut accueillir toute la misère du monde” (ver o programa do FN pelo sítio: http://www.frontnational.com).

compras com sacolas fartas, incita o leitor a problematizar a situação. Ora, se o processo de imigração é, sobretudo, movido por questões econômicas, de países periféricos para outros, em que se pode vivenciar melhores condições de vida; se nossas personagens vêm da miséria, como a maior parte dos emigrantes da região do Maghreb; se os imigrantes têm dificuldades de se inserir efetivamente na sociedade, como é sabido por todos, e, portanto, de arrumar empregos rentáveis: de onde provém a fartura ostentada pelas protagonistas do desenho?

As charges se tornam uma arma para os simpatizantes do FN justamente por poderem produzir esse tipo de questionamento; no caso em especial, porque, como não há aparentemente uma resposta clara para o problema, o partido pode aproveitar a brecha para apresentar seu posicionamento quanto à relação dos imigrantes com o mercado de trabalho. A idéia de que os imigrados representam competidores em potencial, que vêm ocupar empregos na França, aliada ao fato de grande parte deles se beneficiarem do sistema da previdência social, que é mantido pelos elevados impostos cobrados no país, consiste em um dos principais argumentos utilizados para sustentar a xenofobia na França. É nele que o FN fundamenta a sua crítica à imigração, dizendo que, devido às prestações sociais que os imigrados sabem que receberão automaticamente ao chegar na França, vale mais para eles serem desempregados na França do que continuar trabalhando nos seus países de origem[18]. A par desse posicionamento, podemos voltar à primeira charge apresentada e dar-lhe outra roupagem, pois é provável que o cartunista tenha tido a intenção de expressar, através dela, a seguinte mensagem: “Cuidado! Esse bando de miseráveis vai viver dignamente em nosso país às nossas custas!”.

A questão da nacionalidade também está implícita na charge das “francesas”, não só pelo fato de as mulheres para quem se confere a identidade francesa terem sido retratadas, digamos, de uma forma não muito tradicional para uma francesa, mas também devido à figura da menina que caminha de mãos dadas com a mulher de origem árabe. Caso seja correta a suposição de que a criança representa a sua filha, podemos relacionar a charge ao debate da nacionalização, bastante problematizado pelo FN. Afinal, a mãe está trajada com panos dos pés à cabeça, para denotar sua origem árabe; a filha, no entanto, veste-se como toda criança no mundo ocidental: o que significa essa diferenciação? Será a menina realmente “francesa”? Suas roupas apenas encobrem a origem árabe ou ela efetivamente compartilha o universo simbólico das demais crianças de sua idade que não têm ascendentes imigrados?

[18] “Les prestations sociales que les immigrés savent recevoir automatiquement en arrivant en France, constituent donc autant de pompes aspirantes des populations du tiers-monde. Pour beaucoup de ces personnes, mieux vaut être chômeur en France que de demeurer à travailler dans le pays d’origine” (ver no sítio do FN o sub-item “une menace pour la prospérité française”, em propositions- identité – immigration).

Não há dúvidas que, filha de uma mãe árabe, a menina deve ter contato direto com essa cultura, o que não a impede de dominar o aparato cultural francês. De qualquer modo, na legislação, como informa o próprio FN, vigora que um estrangeiro tem o direito de adquirir a nacionalidade francesa se for: maior de idade residente há cinco anos no país; nascido na França, com uma filiação estrangeira, outra francesa; nascido na França de pais estrangeiros caso um deles tenha nascido na França ou em algum país de antiga dominação francesa; e, por fim, para aqueles que nascerem na França, aos dezoito anos ou aos treze se moram no país há cinco anos[19]. A crítica do FN à possibilidade de se adquirir a nacionalidade francesa tão "facilmente" é ferrenha. Para os membros do partido, somente pode ser considerado francês aquele que é filho de um francês. Eles estipulam, portanto, como uma de suas propostas para reverter o fluxo da imigração, a retomada do direito de filiação. Nas palavras do FN: "o modo normal de aquisição da nacionalidade francesa, ou seja, a filiação, será reafirmado como base do Código da nacionalidade e da cidadania: 'Nasce francês todo filho nascido de pai ou de mãe francês'"[20].

A questão da nacionalidade é complexa. Além de tudo, ela remete à problemática da família, fato que talvez explique porque ela seja constante motivo de chacota nas charges de Konk, conservador como seus comparsas do FN. Mulheres que carregam características de origem africana ou árabe desfilam sob os traços do desenhista, sempre caricatos. Para tratar da natalidade elas aparecem novamente, com seus filhos a tiracolo, dizendo que "se deve pensar no futuro!", enquanto que o texto da charge enuncia: "as francesas estão fazendo mais filhos". Aqui, o feitiço trai o mago: aquilo que deveria dar o humor da charge, ou seja, a representação das "francesas" como sendo, uma, negra africana, outra, árabe "velada", legitima ambas como "francesas" e, em conseqüência, os seus filhos enquanto cidadãos franceses. Afinal, como diz a cartilha do FN: "nasce francês todo filho nascido de pai ou de mãe francês"[21]. Certa está a francesa que acredita ser necessário pensar no futuro: que os pequenos são franceses, não há dúvidas; inclusive os marcianos o sabem! "Todo o mundo é francês", diziam eles algumas páginas

[19] Ver no sítio do FN o sub-item "code de la nacionalité: des Français de papier", em propositions- identité – immigration.
[20] Le mode normal d'acquisition de la nationalité française, c'est-à-dire la filiation, sera réaffirmé comme base du Code de la nationalité et de la citoyenneté : "Naît français tout enfant né de père ou de mère français" (ver no sítio: programme- identité – immigration – propositions).
[21] Op., cit.

atrás. Entretanto, como esses franceses interagem socialmente não é algo tão simples de se constatar, tampouco como os pequenos representados na charge serão inseridos no sistema.

Considerações finais

Se através das músicas de *Zebda* podemos traçar um quadro do posicionamento de um grupo de imigrantes de origem árabe sobre o que representa o processo imigratório e a realidade francesa para eles, as charges de Konk, que expressam o discurso do FN, permitem igualmente a construção de um panorama dos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais do país. As questões são as mesmas, porém, elas são tratadas sob ângulos opostos, que deixam clara uma estratificação aberrante entre os "de dentro" e os "de fora".

Paradoxalmente, tanto o discurso dos integrantes do FN quanto o fluxo migratório de árabes e outros grupos étnicos para a França são fruto do processo de globalização. O convívio entre ambos é marcado por preconceitos mútuos e pela conseqüente demarcação de elementos de identificação distintos. Os franceses conservadores não aceitam a presença da alteridade, que é vista como uma ameaça para o país; logo, repelem os imigrantes e seus descendentes, impulsionando-os para a construção de identidades étnicas autônomas, à medida que a extradição dos mesmos independe de vontades individuais. Os imigrantes, por sua vez, reagem à segregação afirmando seus traços peculiares, não raro construindo novas identidades, à medida que são coagidos a interagir com diversas comunidades étnicas, e acabam por expor, muitas vezes de forma violenta, a sua diferença.

Não podemos deixar de admitir que na França vigoram políticas integracionistas, e apesar de uma parcela da população sustentar uma ideologia excludente e preconceituosa, devemos salientar que há uma certa aceitação (mesmo que muitas vezes forçada) de etnias diversas por parte da sociedade como um todo. O simples fato de uma banda de descendentes de árabes ter suas músicas transmitidas nas rádios demonstra que na França se está repensando a relação imigrante-sociedade receptora e, igualmente, se está admitindo que o árabe, por mais que ainda seja sujeito a várias formas de discriminação, já compõe a cambaleante "identidade francesa" (se é que ainda podemos falar dela), pois *Zebda* não é considerado uma banda árabe.

De qualquer modo, embora exista um projeto governamental de integração, não podemos nos iludir encobrindo a violência das relações entre os "franceses" e os imigrantes. O respeito pela alteridade, tão almejado pelos defensores do multiculturalismo, está muito longe de ser alcançado, especialmente porque, na mentalidade que ainda vigora no mundo

ocidental, o respeito é conseqüência de um poder ver-se no outro. Hoje continua sendo importante que exista entre as pessoas ao menos um sentimento de identificação com aquilo que outrem representa, para que haja aceitação e uma convivência pacífica. O problema é que, em outras palavras, isso significa rejeitar as diferenças, uma vez que tendemos a ser pacientes e respeitosos quando encontramos, no outro, traços que nos são próprios.

Como estabelecer uma convivência que não seja tensa entre grupos sociais, que vivenciam culturas absolutamente distintas, é uma barreira a ser transposta pela França contemporânea. Tudo leva a crer que os imigrantes deverão ser gradativamente incorporados à sociedade, à medida que traços de suas culturas integram um novo universo simbólico em construção, o qual deve, com o tempo, ser capaz de representar um sentido de pertencimento e de identificação comum a todos. Essa, ao menos, parece ser a saída mais viável para a problemática da imigração, pois, do contrário, prevalecerá o extermínio ou a imposição violenta de uma cultura sobre outras.

Enquanto que a construção da identidade nacional na maioria dos Estados foi forjada a partir de "culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural"[22], o que esperamos é que, em pleno século XXI, se possa estabelecer uma relação aberta entre diferentes culturas, de trocas mútuas, que vise o bem-estar e a aceitação dos humanos entre si. No entanto, entre o que podemos desejar e a realidade há um abismo, que é refletido nas palavras de *Zebda*: "integrado eu estou, cadê a solução?"[23]. Para esse questionamento, nem mesmo os membros do FN têm uma resposta.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

BELTRAME, Priscila Akemi; CESNIK, Fábio de Sá. *Globalização da cultura*. Barueri: Manole, 2005.

FEATHERSTONE, Mike (coord.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Trad. de Attílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1999.

[22]HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.59.
[23] "Intégré, je le suis; où est la solution?" (Quinze ans, Essence Ordinaire, 1998).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

WARNIER, Jean-Pierre. *A mundialização da cultura*. Trad. de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2000.

WIEVIORKA, Michel. *Une société fragmentée? Le multiculturalisme en débat*. Paris: La Decouverte, 1997.